

GUARDAR PAPÉIS DE SI E DO CEARÁ: A COLEÇÃO STUDART (1892-1938)

PAULA VIRGÍNIA PINHEIRO BATISTA.*

Em seu testamento, escrito aos 71 anos de idade, Guilherme Studart registrou que era de sua vontade que seus filhos tivessem apenas o usufruto do sobrado da sua residência situado na Rua Barão do Rio Branco nº 82 na cidade de Fortaleza, não podendo vendê-lo, hipotecá-lo, dá-lo por caução ou aliená-lo.¹ A sugestão da elaboração de um testamento escrito em vida foi dada pelo amigo Capistrano de Abreu, em carta de 5 de dezembro de 1916, logo após a morte de Eduardo Prado, dono de um acervo raríssimo que foi dilapidado em um leilão, depois da morte de seu proprietário:

O que dizes sobre a biblioteca de Eduardo lembra-me as palavras do Luís Delfino sobre os Alves de Carvalho daqui, a quem serviu com a maior dedicação, sem nada herdar por testamento: nunca souberam ser econômicos, nunca souberam ser generosos. (...) Precisas de fazer teu testamento em vida: entre os encargos que assumiste, alguns possuem substitutos previstos, legais: com tua desapareição o maquinismo continuará, não tão bem, é claro, mas sem parar. Por que não te antecipas, motu proprio, o que a natureza há de impor? Teus longos anos de trabalho dão-te direito de descanso. Feito o testamento em vida, resta aquilo que ninguém poderá substituir-te: a história de nossa terra. Reservando tuas forças, ganharás anos, e deixarás realizada a maior parte de tuas aspirações. Esta é a linguagem da amizade e do bom senso: duvido que a escutes: só conheço duas abdições voluntárias: a de Sila e a de Carlos V. Como todo o mundo receia a capitis diminutio!²

Como previa em sua carta, Studart não aceitou de prontidão o conselho do amigo. Mas, cerca de onze anos depois, com a morte de Capistrano em 13 de agosto de 1927, Studart ponderou a opinião do amigo, visto que um mês depois, em 13 de setembro de 1927, começa a escrever seu testamento, lavrado em cartório em 4 de outubro do mesmo ano, pelo qual dispõe dos seus bens aos herdeiros, estabelecendo deveres e direitos que devem vigorar depois de sua morte. Dentre os legados apresentados destacamos sua apreensão quanto ao destino do seu espólio documental, constituído de seu arquivo pessoal e da coleção de

* Doutoranda em História na Universidade Federal do Ceará (UFC) sob a orientação do Prof. Dr. Régis Lopes e bolsista da FUNCAP. Autora dos livros: “Capistrano de Abreu e a correspondência feminina” (2006) e “Abraço através do atlântico: cartas entre Capistrano de Abreu e João Lúcio de Azevedo” (2011).

1 Inventário do Barão de Studart, processo nº 154/13, ano de 1938, p. 24, – APEC.

2 Carta de Capistrano de Abreu de 5 de dezembro de 1916. In: ABREU, 1977, v. 1: 184.

2

documentos. Ele doa seu arquivo pessoal e sua biblioteca para as instituições das quais fazia parte, desejando direcionar e controlar os lugares que guardariam sua memória, como também evitar uma dilapidação do acervo num “provável” leilão, como ocorreu com o arquivo de Eduardo Prado:

Deixo ao Instituto do Ceará meus livros contidos nas estantes n.º. 11, 12, 13 e 14; à Biblioteca Pública de Fortaleza os contidos na Estante n.º. 10; ao Instituto Histórico, Geográfico Brasileiro, no Rio de Janeiro, os volumes do meu Arquivo Particular guardados na estante n.º. 1 e os meus diplomas, cartas e mapas geográficos etc. que estão sob a estante n.º. 4 e a estante envidraçada que fica entre as duas portas do meu escritório; e ao Instituto Arqueológico Pernambucano, os quatro volumes da Nobiliarquia por Borges da Fonseca, obra hoje, única e pela qual recusei a oferta de dois contos de réis. (...) à Sociedade São Vicente de Paulo, do Ceará, [deixo] a estante n.º. 6 da minha biblioteca e os livros nela contidos os quais se referem a assuntos religiosos.³

De acordo com Cunha e Philippi, a prática de doação de um acervo a uma instituição pública traz desejos de conservação dos materiais que a integram mostrando uma forma de evidenciar uma continuidade do arquivo e de seu proprietário. Além disso, a “publicização de um arquivo pessoal acarreta na formação da imagem pública do seu doador” (CUNHA e PHILIPPI, 2011: 309), ou seja, o doador e seu acervo tornam-se parte da instituição, imortalizando-se naquele espaço que passa a produzir e representar uma imagem pública do doador.

O legado descrito por Guilherme Studart em seu testamento nos indica, em parte, a constituição do seu arquivo. Reunido durante toda sua vida, o arquivo revela a preocupação do proprietário em guardar os registros de sua trajetória e em acumular documentos sobre o Ceará, salvaguardando-os em seu gabinete e posteriormente perpetuando no impresso. No entanto, ao doar o seu espólio, Studart resolveu fragmentá-lo entre as várias instituições das quais era membro e/ou diretor. É interessante observar que ele quis preservar sua residência, mas sugere a divisão de seu arquivo entre as agremiações das quais era membro numa tentativa de institucionalizar seu acervo particular para garantir a conservação, manutenção e visibilidade do mesmo, além de adquirir renome por construir uma coleção e consagrá-la à utilidade pública.

3 Inventário do Barão de Studart, p. 24, 1938 – APEC.

3

Ao tentar capturar os instantes da trajetória de um homem com intensa mobilidade social como Studart, percebemos sua busca por produzir um sentido para sua vida ao acumular um grande acervo, no intuito de fazer com que sua imagem fosse preservada e imortalizada em diversos espaços nos quais atuou ativamente e fosse lembrada por grupos distintos como intelectuais, políticos, religiosos, dentre outros.

Ao arquivar os papéis sobre o Ceará e sobre sua própria vida, Studart estava tentando garantir que não fosse esquecido pela posteridade. Desejou dividir seu acervo por várias instituições, dentre elas o Instituto do Ceará, a Biblioteca Pública do Ceará, a Sociedade de São Vicente de Paulo e o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Contudo, seu pedido não foi atendido logo pelos herdeiros, já que somente em 5 de julho de 1943 resolveram confiar ao Instituto do Ceará o acervo do presidente perpétuo da instituição composto por livros, notas, documentos e trabalhos inéditos, segundo relato de Raimundo Girão em sessão do Instituto.⁴ O que restou da *Coleção Studart* ainda estava depositado na sua antiga residência, quando foi doado por Luiz Studart e Osvald Studart Filho, adquirido e reorganizado pelo Instituto do Ceará em 1956:

Com os olhos rasos de tristeza ante o deplorável estado de conservação em que a deparou, relegada a uma cafuná da casa em que morava o Barão e agora, realisticamente, serve de instalação de uma hospedaria de terceira classe. Tudo em desalinho, estragado pelas águas que desciam do andar superior através do esburacado assoalho de madeira. Muitas das miscelâneas, inteiramente imprestáveis, irremediáveis. (...) Ainda assim, catorze das miscelâneas não puderam, em absoluto, ser restauradas, vindo-se a perder não diminuta porção do acervo que tantas fadigas e despesas custara ao insone colecionador. O resto, guarda-o hoje o Instituto, refeitas as encadernações e convenientemente preservadas. (GIRÃO, 1956: 26)

Dessas miscelâneas restam ainda 56 cadernos que estão depositados no Instituto do Ceará. Esses cadernos foram organizados de modos diversos e divididos em dois fundos diferentes. O primeiro foi denominado “Documentos”, composto por 38 volumes, e o segundo fundo denominado de “Correspondências”, composto de 18 volumes. Esta pesquisa priorizou o trabalho com a correspondência. Dentro dos cadernos que pertencem ao segundo fundo, as cartas não obedecem a uma ordem cronológica rigorosa, já que foram coladas aleatoriamente, seguindo apenas a indicação do ano ou dos anos gravados na lombar do

4 Sobre a doação da Coleção Studart, ver as atas das sessões realizadas no ano de 1943. In: RIC. t. LVII. Fortaleza: Editora Fortaleza, 1943, p. 307.

4
volume, da seguinte forma: caderno 1 (1824 – 1938);⁵ caderno 2 (1878 – 1908), caderno 3 (1890 – 1895), caderno 4 (1896 – 1899), caderno 5 (1900 – 1903), caderno 6 (1904 – 1907), caderno 7 (1908 -1911), caderno 8 (1908 – 1914), caderno 9 (1911 – 1913), caderno 10 (1914 – 1915), caderno 11 (1915 – 1916), caderno 12 (1917), caderno 13 (1918), caderno 14 (1919), caderno 15 (1920 – 1921), caderno 16 (1922 – 1924), caderno 17 (1923 – 1925), caderno 18 (1925 – 1926).

Percebemos que havia uma lógica de acumulação que determinava o arranjo dos papéis no arquivo privado de Studart feita por ele mesmo. Do relato de Raimundo Girão, sabe-se que as miscelâneas (ou caderno, como foi denominado posteriormente) encontradas tiveram suas encadernações “refeitas”, ou seja, havia uma encadernação anterior, e que provavelmente foi mantida ou restaurada pelo Instituto do Ceará.

O que corrobora com essa hipótese é a carta escrita por Eduardo Studart afirmando que irá providenciar as encadernações dos livros de seu irmão Guilherme na sua visita ao Rio de Janeiro em 1917.⁶ Essa afirmação nos indica que Studart tinha o hábito de encadernar os livros de sua biblioteca particular, bem como podia empregar a mesma prática nos documentos de sua coleção. Cabe sublinhar outro indício dessa prática, a presença de uma coleção das *Revistas do Conselho Central da Sociedade de São Vicente de Paulo no Ceará*, doadas aos vicentinos depois da morte de Studart, que pertenciam à sua biblioteca e também foram encadernadas, luxuosamente, separadas por períodos e gravadas na lombar com letras douradas o nome “B. Studart”, indicando a preocupação de Studart em ordenar seus papéis e identificá-los com seu nome para firmar sua propriedade.

Além disso, a denominação usada em seu testamento, “arquivo particular do Barão de Studart”, é a mesma gravada em letras douradas nas encadernações do fundo “Correspondência”, cujos cadernos são divididos a partir do critério cronológico, embora não estejam alocadas em uma sequência cronológica rígida. Seguem apenas a indicação do ano impressa no caderno. Cabe sublinhar, que não consta o timbre do Instituto do Ceará no fundo “Correspondência”, como ocorre com o fundo “Documentos”.

Embora não seja possível afirmar que a ordem encontrada no arquivo depositado no Instituto do Ceará seja a ordem primitiva do acervo, tendo a mesma ordenação que seu

5 Nesse caderno existem cartas dirigidas e recebidas pelo pai de Studart, William Studart, anteriores ao seu nascimento (1856).

6 Carta de Eduardo Studart de 24 de abril de 1917 – Acervo do Instituto do Ceará.

5

proprietário lhe deu, percebe-se que a forma encontrada na disposição dos papéis segue uma lógica empreendida por Guilherme Studart em seus escritos, ou seja, tem o seu estilo de exposição, cujo critério cronológico predomina. Esse é um fator que deve ser considerado. Porém, a reorganização feita pelo Instituto do Ceará na década de 1950 pode ter modificado a ordem original dos documentos na disposição dos cadernos, já que encontramos cartas e fotografias, que pertenciam ao arquivo particular, encadernadas junto com documentos do primeiro fundo, o que mostra certa mobilidade dos documentos entre um fundo e outro, talvez efetuada pela reorganização do material.

Outro elemento que ajuda a entender o modo como o arquivo foi organizado ou mesmo a forma como esse material era armazenado em seu gabinete de estudos é a descrição da disposição das estantes de sua biblioteca, que foi organizada de forma temática, como foi declarado em seu testamento. Pelo mesmo, sabe-se que seu acervo era composto de documentos do seu arquivo particular, diplomas, cartas, mapas geográficos e livros.

Por essa declaração, feita no testamento escrito em 1927, ficamos sem saber o que havia nas estantes 2, 3, 5, 7, 8 e 9, bem como se haveria outras. Entretanto, a declaração nos indica que havia uma ordenação em sua biblioteca, cujo critério adotado para a disposição das estantes era o conteúdo ou tema dos livros, como, por exemplo, religiosos, históricos, geográficos, filosóficos e literários, dentre outros gêneros.

De acordo com o testamento, o destino de sua biblioteca, assim como de seu arquivo privado, era ser fracionada pelas várias instituições, como o Instituto do Ceará, a Biblioteca Pública de Fortaleza e a Sociedade de São Vicente de Paulo. De fato, encontramos alguns de seus livros nas estantes dessas bibliotecas. Mas há indícios da existência de livros que pertenceram a Studart em outras instituições, como a Biblioteca Central da Universidade Federal do Ceará (UFC).⁷ Porém, a composição completa de sua biblioteca dificilmente será conhecida, assim como sua mapoteca, que também desapareceu em meio ao descaso dos herdeiros para com o arquivo depois da morte de seu proprietário.

Studart destina ao IHGB, do qual era sócio honorário, a guarda de sua mapoteca e arquivo pessoal, em detrimento do Instituto do Ceará (IC), instituição da qual era presidente

7 Pesquisando nas bibliotecas públicas do Estado do Ceará, dentre elas a Biblioteca do Instituto do Ceará, a Biblioteca Menezes Pimentel, a Biblioteca da Academia Cearense de Letras e a Biblioteca Central da UFC, encontramos alguns títulos que pertenciam a Biblioteca de Guilherme Studart, identificados pela presença de dedicatórias destinadas ao mesmo.

6
perpétuo. Talvez porque soubesse das dificuldades desta instituição em manter e preservar um arquivo como o seu, sem estrutura ou recursos. Entretanto, foi o próprio IC a instituição responsável pelo resgate e conservação do acervo na década de 1950 e sua manutenção até hoje.

Ainda em vida, Studart fez doações para algumas instituições, dentre elas o próprio IHGB, que recebeu a oferta do livro *Esmeraldo de Situ Orbis* de Duarte Pacheco Pereira em 1893, além de livros de sua autoria ou organizados por ele como o livro do tricentenário do Ceará.⁸ Entre junho e julho de 1932, Studart também fez doações para o recém instalado Museu Histórico do Estado do Ceará, de “120 moedas estrangeiras e 79 moedas nacionais; duas cédulas recolhidas do Império e da República, dos valores de 2\$000 e \$500; dois “jacarés”⁹ de bronze retirados da casa de sua residência à rua Barão do Rio Branco n. 82” (MUSEU DO CEARÁ, 2007, p. 26). Outras doações foram dirigidas à Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, como nos informa Manoel Cícero ao agradecer a oferta feita pelo cearense: “tenho o prazer de acusar o recebimento de uma coleção de cartas que lhe foram dirigidas pelo Dr. Teixeira Melo, de saudosa memória, e de que agora se separa para ofertar à Biblioteca Nacional”,¹⁰ além dessas, doou quatro cartas de Oto de Alencar dirigidas a ele para a mesma instituição. Suas doações às instituições lhe renderam reconhecimento, já que o diretor da Biblioteca Nacional de Lisboa, Xavier da Cunha, informa que Studart foi inscrito no quadro de honra devido às doações de livros feitas à instituição.¹¹

Embora Studart não tenha tido a preocupação de preservar de forma integral seu arquivo, considerando que propõe a divisão do mesmo em seu testamento, tentou preservar, em vida, sua coleção de documentos através da publicação dos mesmos. Parte da sua coleção foi “imortalizada” pelo impresso, pois como nos lembra Jeanne Marie Gagnebin “a escrita, por sua vez, deseja perpetuar o vivo, mantendo sua lembrança para as gerações futuras” (GAGNEBIN, 2006: 11). Desse modo, para garantir a continuidade e evitar o

8 Lista das ofertas feitas ao IHGB no ano de 1893. Ver Atas das sessões de 1893. In RIHGB. Rio de Janeiro: Companhia tipográfica do Brasil, 1893, p. 139. Para a doação do livro do tricentenário ver atas das sessões de 1903. In: RIHGB, 1904.

9 “Jacaré” era a denominação dada aos escoadouros das águas pluviais dos telhados das casas para a via pública, crismada pelo povo devido a sua conformação parecida com esse anfíbio.

10 Carta de Manoel Cícero de 6 de julho de 1910 – Acervo do Instituto do Ceará.

11 Carta de Xavier da Cunha de 6 de março de 1911 – Acervo do Instituto do Ceará.

7

esquecimento, Studart investiu em diversos empreendimentos editoriais com a intenção de divulgar sua coleção de documentos e os pôsteres para os contemporâneos.

Antes de relatar quais foram esses empreendimentos editoriais, é necessário pensar sobre o modo de constituição desse arquivo privado, que reúne documentos íntimos, como cartas pessoais trocadas entre pai e filhos e cartas institucionais que foram anexadas ao arquivo de Studart, pois ele recebia a correspondência de muitas das agremiações das quais era membro, uma prática que contribuiu para dar um volume significativo ao acervo. Não podemos indicar o momento inicial da composição do acervo, mas temos indícios para afirmar que sua prática de colecionar ganha força a partir da sua primeira viagem à Europa, realizada em 1884, em busca de documentos sobre sua terra natal. Alguns anos depois, em 1892, Studart empreende uma nova viagem à Europa para uma temporada de um ano, na companhia da esposa Luísa da Cunha, filha dos Viscondes de Cauípe, para localizar, copiar e adquirir os documentos sobre a história do Ceará presentes nos arquivos europeus e principalmente portugueses. Sobre o objetivo da viagem escreve um colunista do *O Norte* em 1893:

Ouvíramos dizer que um dos objetivos da última viagem do Dr. Studart à Europa fora aumentar a rica coleção de livros e documentos sobre a história do Brasil de que era possuidor, mas não prevíamos que nossa expectativa, bem como a de todos os bons cearenses, fosse correspondida de modo tão feliz. Os documentos encerrados nas “Notas para a história do Ceará” são uma diminuta parcela do tesouro, que guarda o Dr. Studart, não como avaro, mas como um depositário ilustrado e liberal para os que como ele entregam-se desvelados a este ramo de estudos e que deles muito poderão aproveitar (STUDART, 1896: 15).

Na viagem feita para Lisboa em 1892, Studart foi visto pelo Barão de Santa Anna Néri, que, ao receber o livro *Notas para a história do Ceará*, publica uma resenha no *Jornal do Comércio* do Rio de Janeiro em 17 de abril de 1893, lembrando o encontro:

Em janeiro deste ano achava-me eu engolfado na leitura de uns manuscritos, quase apagados pela mão do tempo, naquela formosa Biblioteca Nacional de Lisboa, tão repleta de preciosidades e tão poética de aspecto que a gente tem vontade de aí passar a vida – quando à mesa vizinha sentou-se um rapaz modesto, que sobraçava enorme maço de papéis já cobertos de apontamentos. Durante vários dias ali encontrei o mesmo vizinho. Soube do amável erudito bibliotecário que aquele estudioso, sempre o primeiro a chegar e sempre o último a sair da sala reservada de trabalho, era um patricio nosso, um nortista, que estava coligindo materiais sobre a sua terra natal (NÉRI apud. STUDART, 1896: 9).

8

Com a publicação de seu livro, Studart divulga de forma mais ampla a sua coleção de documentos e passa a ser reconhecido nacionalmente pela posse dessa coleção. Os apontamentos e a coleta realizada nessa época resultaram, em parte, na elaboração do livro *Notas para a História do Ceará*, publicado em 1892 pela tipografia Recreio de Lisboa. Além da transcrição e publicação de 150 documentos, Studart apresenta, no final da obra, seu plano de trabalho:

Possuidor de grande cópia de documentos, que são uma revelação para a História do Ceará, não só pelo seu número, que excede a dois mil, como por sua antiguidade, pois que remontam alguns ao primeiro quarto do século XVII, pensei em iniciar a publicação deles. Mas uma publicação de documentos, por mais interessantes que fossem, fazendo-se desacompanhada em considerações, de comentários, sem ligação, sem concatenação, iria constituir uma leitura enfadonha, convidativa apenas dos especialistas, dos amantes de antiguidades. Circunscrevia-se, portanto, a um pequeno número de pessoas. Resolvi por isso debuxar em largos traços um certo período da crônica do Ceará e ir entremeando trechos de documentos ou documentos em sua íntegra pelo mesmo modo e obedecendo ao mesmo plano. (STUDART, 1892a: 502)

Seu plano era difundir e publicar documentos sobre a História do Ceará coligidos no Brasil e na Europa em arquivos portugueses, holandeses e espanhóis. Para isso o autor apresenta claramente seu projeto escriturário, onde permite que o leitor entreveja seus métodos de escrita: transcrever os documentos, seja na íntegra ou em parte, organizá-los cronologicamente e enredá-los com comentários e considerações sobre os eventos, os personagens e as datas.

No mesmo ano em que publicou seu livro *Notas para a história do Ceará* (1892), Studart publicou pela mesma tipografia Recreio de Lisboa um catálogo de seus documentos com o título *Relação dos manuscritos, originais e cópias, sobre a História do Ceará que constituem a Coleção Dr. Guilherme Studart*. Obra dividida em dois volumes, oferece ao leitor um inventário de documentos composto de autos, ordens régias, pareceres, resoluções, decretos, certidões, portarias, petições, nomeações, representações, regimentos, ofícios, cartas-patentes, relatórios, circulares, atestados, provisões, escrituras, termos de assentada, candidaturas a postos burocráticos, atas das vereações das câmaras, termos de vereação das câmaras, cartas de doação de sesmarias, correspondência dos membros da burocracia portuguesa em geral, etc. Os documentos inventariados nesse catálogo são classificados segundo dois critérios: temático e cronológico, construindo uma linha do tempo histórico

9

cearense, partindo da carta de doação da capitania hereditária do Ceará a João de Barros em 1603, seguindo de documentos sobre a entrada de Pero Coelho, da missão dos padres Luis Figueira e Francisco Pinto, elevação de vilas, levantes indígenas, etc.

O primeiro volume da obra apresenta um inventário com 1.333 documentos dispostos em 143 páginas, com uma lista numerada, indicando o tipo de documento, a data e o volume em que estava localizado o mesmo, provavelmente os volumes encadernados encontrados no sótão de sua casa depois da sua morte e depositados no Instituto do Ceará. Os primeiros documentos listados no catálogo correspondem a cópias manuscritas tiradas de obras raras como *História do Brasil*, de Frei Vicente Salvador e *Crônica da missão da Companhia no Estado do Maranhão*, do padre João Filipe Betendorff. Em seguida, o inventário apresenta uma lista contendo documentos sem a indicação da procedência, acrescentando apenas uma breve descrição do documento, como nesse caso: “carta de Martim Soares Moreno escrita de Servilha. 27 de abril de 1614”. Em outros casos, indicava o conteúdo do documento: “dá-se breve notícia da Capitania do Maranhão e outras que se acham até o do Grão-Pará. Crônica do Padre Betendorff Cap. 6º liv 1º. Interessante para o conhecimento da data em que o Ceará foi desanexado do Maranhão” (STUDART, 1892b: 6).

A questão da procedência é intrigante. Quando se tratava de originais, Studart descrevia o documento, mas não indicava a procedência, mas quando era uma cópia indicava a origem da mesma. Às vezes dava a procedência do documento: “os Holandeses concluem aliança entre os indígenas e servem-se da tribo dos Janduis para perpetrarem horríveis crueldades. Est. do liv. 23 pags. 278 e 279 de um manuscrito dilacerado e sem nome de autor, que está na Torre do Tombo em Lisboa” (STUDART, 1892b: 7-8), ou nesse outro caso: “apontamentos biográficos de alguns mártires e varões insignes da Companhia de Jesus missionário no Brasil. Em italiano. V. nº 1857 da Bibl. Nac. de Lisboa” (Idem: 13). Outras vezes, oferecia ao leitor detalhes das informações contidas nos documentos, mas sem indicar a procedência: “Carta Régia ao governador de Pernambuco mandando informar a proposta, que faz o capitão do Ceará Bento de Macedo de Faria de atacar algumas aldeias do gentio bárbaro e de entrarem os religiosos missionários pelo sertão a converter os índios. 25 de janeiro de 1683” (Ib. Idem: 15).

10

Cabe sublinhar que o catálogo apresenta a indicação do volume no qual se encontra o documento encadernado, o que nos aponta para a preocupação do proprietário de organizar e salvaguardar esse material de forma a facilitar a consulta e manuseio do mesmo. Assim, o primeiro fascículo do catálogo se refere aos dez volumes do acervo, mas na última página o autor afirma que o segundo fascículo trará os documentos contidos nos volumes de 11 a 15 e outros documentos relativos à história de outras capitânicas. Diante disso, sabemos que em 1892, ano da publicação do catálogo, Studart já possuía 15 volumes de documentos encadernados na sua coleção particular, provavelmente reunidos desde a sua primeira viagem a Europa feita em 1884, e enriquecidos na segunda, realizada quase uma década depois em 1892.

Com a publicação do catálogo, o mundo fechado da sua coleção expande-se em um universo amplo, já que a mesma passou a circular em vários lugares, sendo conhecida e solicitada pelos mais diversos grupos. Diante da recepção que teve o catálogo, Studart publica o segundo volume da *Relação dos manuscritos, originais e cópias, sobre a História do Ceará que constituem a Coleção Dr. Guilherme Studart* em 1896, pela tipografia Studart, instalada um ano antes em Fortaleza. Esse segundo volume apresenta, além dos documentos considerados “históricos”, um acréscimo de cartas e ofícios pessoais dirigidos ao próprio Studart, totalizando um conjunto de 2.266 documentos ao todo, número já indicado no seu livro *Notas para a História do Ceará*. Publicado quatro anos depois, o segundo fascículo dá continuidade ao inventário apresentado no primeiro, seguindo inclusive a sequência da página, o número indicativo do documento e dos volumes onde os mesmos estão depositados.

Vale ressaltar a inserção de cartas pessoais na coleção de documentos. Observe-se que a proposta do catálogo era inventariar os “manuscritos, originais e cópias de documentos sobre a História do Ceará”. Então, como entender a inclusão desses documentos pessoais no catálogo? O Barão de Studart era um homem de ação, um ativista que participou de inúmeras campanhas, seja no processo abolicionista no Ceará (1884) ou em projetos de arrecadação de fundos para os flagelados das secas (1877/1915), de forma que ele acreditava na importância de sua trajetória para sua terra natal, entendendo ser necessário guardar seus próprios registros para difundir e cristalizar sua autoimagem. Dessa forma, ele acreditava fazer parte da História do Ceará, assim arquivava documentos “sobre si” na sua coleção.

11

Com a publicação dos catálogos, Studart dá visibilidade à sua coleção e apresenta aos homens de letras parte dos documentos que lhe pertencem, num formato impresso. Segundo Pomian, os colecionadores acumulam objetos para expor ao olhar dos expectadores, já que o fato de possuir uma coleção confere prestígio ao colecionador, enquanto “testemunham o gosto de quem a adquiriu, ou as suas profundas curiosidades intelectuais, ou ainda a riqueza ou generosidade, ou todas essas qualidades conjuntamente” (POMIAN, 1984: 54).

A coleção deve ser admirada, vista e desejada, para isso tem que ser exposta, seja num ambiente de visitação ou no espaço de um livro como um catálogo. A *Coleção Studart* estava depositada no gabinete da sua residência em Fortaleza, onde era visitada por amigos, pares intelectuais e visitantes, como foi o caso do pernambucano Mário Mello, que em visita à cidade, em 1917, descreve a casa de Studart como um autêntico “gabinete de curiosidades”:¹²

Sua casa é um museu de raridades. Os mais antigos manuscritos de nossa história, desde o primeiro ao último atlas do Ceará, animais petrificados, ossadas de fósseis, pedras de minas, tudo que a terra de Iracema pode ter de curioso no gênero do estudo do eminente polígrafo se encontra em sua biblioteca. Mais importantes para a história de Pernambuco são os manuscritos do barão de Studart. Tanto quanto me foi possível folhear, numa visita de horas em que a admiração se extasiava aqui e ali, vi em sua estante e li por alto toda a revolução de 1817 em manuscritos, cartas e documentos autógrafos. (MELO, 1917: 277)

O gabinete de estudos de Guilherme Studart reunia vestígios e restos do passado cearense,¹³ sejam livros, manuscritos, cartas, mapas, documentos, enfim, uma série de artefatos da cultura letrada que foram preservados, conservados e exibidos ao olhar do outro através do impresso e da fotografia, marcando um lugar de notoriedade e distinção para o proprietário desse espaço.

Para além da coleção de documentos, o relato de Mário Mello nos revela a presença de outros gêneros de objetos que não são documentos escritos, como fósseis, pedras de

12 A Coleção Studart era uma parte daquilo que formava o gabinete de Guilherme Studart composto por outros artefatos, como fósseis, pedras, moedas, livros e mapas que desapareceram ou foram incorporados a coleções de outros colecionadores depois da sua morte.

13 A cultura letrada do oitocentos era ciosa em conservar as “ruínas” do passado, buscando estabelecer relações que transformassem a experiência do passado em explicação para o presente das sociedades humanas. Sobre a Cultura Oitocentista ver GUILMARÃES (2007a e 2007b).

12

minas, animais petrificados e outros. Além desses objetos paleontológicos e arqueológicos, entrevemos outros objetos “curiosos” entre aqueles listados em seu testamento, como relíquias religiosas, estátuas de bronze, jacarés de bronze, esfinge do rei Henrique IV, coleção de moedas e medalhas; ou ainda objetos descritos em suas obras como, por exemplo: “a camisa que vestia Facundo ao ser assassinado” (STUDART, 1910: 470); ou reproduções dos quadros *Canção Antiga* e *Porangaba* do pintor João Moreira de Araripe Macedo (STUDART, 1910: 501). Esses objetos, presentes em seu gabinete e espalhados pela sua residência, tornavam-se ainda mais interessante ao olhar do observador que admirava a capacidade do colecionador em despendar dinheiro em troca de tantos objetos e a sua propensão para acumulá-los e conservá-los em sua propriedade.

Studart deu visibilidade a sua coleção através de dois empreendimentos editoriais: os dois volumes da *Relação dos manuscritos, originais e cópias sobre a História do Ceará que constituem a Coleção do Dr. Guilherme Studart*, já citados anteriormente, e os quatro volumes dos *Documentos para a história do Brasil e especialmente a do Ceará (1608-1625)*. A publicação de catálogos da coleção tinha o objetivo de divulgar os documentos do seu acervo, mas também havia a intenção do proprietário de arquivar em letras impressas a *Coleção Studart* para imortalizá-la e a si próprio. Para fazer a coleção Studart conhecida no meio intelectual, o médico fez circular seu primeiro catálogo, que era a citada *Relação dos manuscritos, originais e cópias sobre a História do Ceará que constituem a Coleção do Dr. Guilherme Studart*. Isso gerou uma demanda no campo intelectual pelos documentos apresentados, uma vez que alguns amigos e correspondentes de Studart escreviam para pedir documentos da sua coleção particular, bem como solicitavam a publicação completa de alguns inéditos.

O projeto de Studart é justificado por ele pela intenção de salvaguardar os documentos da sua provável destruição, seja pela corrosão do tempo ou o descaso dos homens, já que, para ele, somente a letra impressa poderia garantir a permanência de informações preciosas do passado. Ao tornar público esses documentos através da publicação de livros, Studart se torna “autor” dos mesmos, já que aqueles que utilizarem a documentação indicarão como referência a obra de Studart, e desse modo ele vai se construindo como uma autoridade em assuntos referentes a História do Ceará.

Para Guilherme Studart, reunir documentos sobre sua terra natal era de fato uma forma de “servir à pátria” e “devotar-se à História”. Diante desse pensamento traçou o seu plano para a História do Ceará e apresentou-o ao público no prefácio do primeiro volume da obra *Datas e Fatos para a História do Ceará*, publicado em 1896:

A certas datas ajuntei os respectivos documentos, ora para corroborar afirmações minhas, ora para consignar costumes e usanças, ora para firmar datas memoráveis do nosso passado. Praticando assim obedeci a um plano, que me tracei há muito – o de ir ajuntando materiais para o futuro historiador do Ceará. (STUDART, 2001, Duas Palavras)

O passado ganha significado a partir do presente, assim a relação que Studart estabeleceu com seus papéis velhos está conectada ao prestígio dado aos cultores da história na sociedade oitocentista. Passado e futuro se unem ao objetivo do Barão de Studart: reunir milhares de documentos sobre o passado cearense para o futuro historiador. Além do seu plano inicial, Studart também colecionou documentos pessoais, panfletos, recortes de jornais, fotografias, revistas, enfim, acumulou um conjunto documental cujo tamanho exato não é passível de definição devido à perda de parte do acervo. Contudo, podemos perceber sua dimensão perante aquilo que se preservou, ou seja, um *corpus* de 21.094 documentos, entre manuscritos, imagens, impressos, cartas e outros.

Para adquirir esse arquivo, Studart realizou várias viagens por arquivos do exterior, seja em Lisboa, Inglaterra, França, Holanda ou Itália, como relatou Raimundo Girão: “além das realizadas em 1884 e 1892-93, esteve ele novamente na Europa, com objetivos culturais, em 1904, 1911 e 1914, surpreendido por ocasião desta última com o arrebentar da primeira Guerra Mundial” (GIRÃO, 1956: 33). Os anos mais ricos nas suas investigações pelos arquivos e que lhe renderam boa parte da sua coleção foram aqueles entre 1892 e 1893. Segundo José Honório Rodrigues, o esforço de Guilherme Studart era realizado “com seus próprios recursos que empreendia as viagens e recolhia, por cópia, os documentos históricos”. (RODRIGUES, 1978: 97)

Mas foram diversas as formas de aquisição, sejam cópias feitas em arquivos, presentes de amigos ou mesmo compra de documentos, que tornaram possível a constituição da Coleção Studart. O acervo permitiu trocas simbólicas de Guilherme Studart no meio intelectual da sua época, dando prestígio e autoridade ao seu proprietário. Essa autoridade ou legitimidade pode ser apreendida nas epístolas trocadas entre Studart e vários intelectuais

14

dos mais diversos campos do saber. A instituição tem o poder de possibilitar e legitimar a fala. Ao fundar o Instituto do Ceará em 1887, Studart conquista um “lugar de fala”, usando a revista da instituição como veículo para fazer circular seus discursos. Inserido nesse campo intelectual, Guilherme também contava com a ajuda de amigos correspondentes para realizar a tarefa de coletar documentos, como o amigo Capistrano de Abreu.

Doar um arquivo privado para uma instituição era uma forma de imortalizá-lo. Porém Studart acaba anexando esse arquivo particular ao seu próprio. Além disso, publicar fontes capitais para a história do Ceará era um desejo partilhado por muitos intelectuais nesse momento. Ao transformar um texto manuscrito em impresso, amplia-se o acesso àquele texto, dirigindo-o a um maior número de pessoas e divulgando assim seu conteúdo e o nome do autor da publicação. Desse modo, Guilherme Studart fazia circular seus documentos através do catálogo *Relação de manuscritos, originais e cópias, sobre a História do Ceará que constituem a Coleção Dr. Guilherme Studart* entre os intelectuais brasileiros, como já foi dito anteriormente. E também fazia publicar muitos dos seus documentos nas páginas da *Revista do Instituto do Ceará*, e dentre esses podemos citar a publicação dos *Documentos para a história da Confederação do Equador* (RIC, t. 24, p. 215-399); *Documentos para história de Martim Soares Moreno* (RIC, t. 17, p. 177.228); *Documentos do tempo da independência* (RIC, t.36, p. 308-323); *Documentos da Revolução de 1817* (RIC, t. 31, p. 13-93).

Como proprietário de um arquivo “histórico”, Guilherme possuía uma variedade de documentos referentes a diversos temas ligados a História do Ceará, como sesmarias, cartas de doação, termos de concessão, escrituras, pareceres, laudos, cartas régias, mapas, etc. Um dos temas que mobilizou vários correspondentes em busca da *Coleção Studart* foi a questão envolvendo demarcações de terras e limites fronteiriços dentro do território cearense.

Ao acumular esses papéis sobre o Ceará, com o intuito de construir narrativas históricas formuladas a partir de critérios de veracidade fundamentada na autenticidade dos documentos, Studart sabia que esse mesmo *corpus* poderia ser usado com outra finalidade, principalmente no que se refere as questões políticas, seja para a resolução de questões coletivas ou individuais, já que armazenava os documentos acreditando que esses textos tinham de ser guardados para a construção da memória cearense.

15

Ao analisar as coleções, Pomian observa que os colecionadores adquirem prestígio e status por possuírem objetos que, embora tenham perdido seu valor de uso, mantêm um valor de troca, devido à procura pelos mesmos por outros colecionadores. Guilherme Studart tinha prestígio na sociedade cearense e no campo intelectual brasileiro devido, em parte, à sua coleção de documentos sobre a terra natal, que dava a condição para o reconhecimento de seu trabalho e da sua posição na comunidade de especialistas, permitindo que ele produzisse uma escrita legítima sobre o Ceará.

Além da posse desses documentos, Studart estava preocupado com a sua divulgação dos mesmos em periódicos, já que gastou dinheiro de seu próprio bolso para adquirir documentos para a História do Ceará e investiu seu tempo em estudá-los, coordená-los e divulgá-los em revistas dirigidas por ele, como a *Revista do Instituto do Ceará* e a *Revista da Academia Cearense*. Ao analisar os estudos publicados nessas revistas institucionais, entrevemos o controle e o poder exercido por Studart nas redações das revistas dirigidas por ele, nas quais assumia os papéis de editor, revisor e impressor desses periódicos.

BIBLIOGRAFIA

ABREU, João Capistrano de. *Correspondência de Capistrano de Abreu*. v. 3, org. e prefácio de José Honório Rodrigues, 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, INL, 1977, p. 147-154.

CUNHA, Maria Tereza Santos; PHILIPPI, Carolina Cechella. Uma biblioteca sem ordem. Figurações em torno do acervo de livros de um intelectual do século XX. In: RAMOS, Francisco Régis Lopes; SILVA FILHO, Antônio Luiz Macêdo (orgs.). *Cultura e Memória: os usos do passado na escrita da História*. Fortaleza: Núcleo de Documentação Cultural – UFC/ Instituto Frei Tito de Alencar, 2011, p. 302-315.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. *Lembrar escrever esquecer*. São Paulo: Ed. 34, 2006.

GIRÃO, Raimundo. O Barão de Studart e a Historiografia Cearense. In: *Revista do Instituto do Ceará*. T. E. Fortaleza: Ed. A. Batista Fontenele, p. 17-35, 1955.

MELLO, Mário. Manuscritos sobre a Revolução de 1817. In: *Revista do Instituto do Ceará*. Tomo XXXI. Fortaleza: tipografia Minerva, 1917, p. 277-279.

16

MUSEU DO CEARÁ. *Museu do Ceará. 75 anos*. Fortaleza: Associação dos amigos do Museu do Ceará/Secult, 2007.

NÉRI *apud*. STUDART, (org.) *Apreciações sobre o livro do Dr. Guilherme Studart “Notas para a História do Ceará”*. Fortaleza: Tipografia Studart, 1896a.

POMIAN, Krzysztof. Coleção. In: *Enciclopédia Einaudi*. v. 1 Memória – História. Porto: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1984, p. 51- 86.

RODRIGUES, José Honório. *A pesquisa histórica no Brasil*. 3ª Ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1978.

STUDART, Guilherme. *Notas para a História do Ceará. Segunda metade do século XVII*. Lisboa: tipografia do Recreio, 1892a.

_____. *Relação dos manuscritos, originais e cópias sobre a história do Ceará, que constituem a Coleção do Dr. Guilherme Studart*. v. 1. Lisboa: tipografia do Recreio, 1892b.

_____. *Relação dos manuscritos, originais e cópias sobre a história do Ceará, que constituem a Coleção do Dr. Guilherme Studart*. v. 2. Fortaleza: tipografia Studart, 1896.

_____. *Dicionário bio-bibliográfico cearense*. v. 1. Fortaleza: Tipografia Minerva, 1910.

_____. *Documentos para a história do Brasil e especialmente a do Ceará*. 4 v. Fortaleza: Tipografia Studart, 1904.

_____. *Datas e Fatos para a História do Ceará*. v. 1, 2, 3. Ed. Fac-sim. Fortaleza: Fundação Waldemar Alcântara, 2001. (Coleção Biblioteca Básica Cearense).